

FORMAÇÃO RELIGIOSA E PRESBITERAL:

teologia da vocação cristã e psicologia da profundidade*

*Dom Frei Belisário da Silva***

INTRODUÇÃO

Boa parte de minha vida tem transcorrido em seminários e casas de formação. Já durante o meu tempo de estudo - tempo de grandes mudanças na Igreja e no mundo, tempo do Vaticano II e de Medellín - me vi envolvido nas discussões a respeito dos rumos a serem adotados por nossos seminários. Questões como:

- Seminário tipo internato ou pequena comunidade?
- Estudo em estabelecimento comuns a leigos e não-leigos ou em estabelecimentos exclusivos para futuros presbíteros?
- Exigir o estudo da filosofia para todos como pré-requisito do estudo de teologia ou abrir as possibilidades de outros cursos na área das ciências humanas?
- Em que momento concentrar os esforços da pastoral vocacional: na infância, na puberdade, no início da juventude ou na entrada na vida adulta?
- Que filosofia e que teologia estudar e com quais métodos?

Essas e muitas outras questões preenchiam nossas preocupações, conversas e encontros. Após minha

* *Texto da aula inaugural do ano acadêmico do IESMA - 2004.*

** *Bispo de Bacabal - MA.*

ordenação presbiterial, tive pouco tempo de afastamento das casas de formação, apenas um ano. A época era de urgência. Com a dissolução das casas de formação do tipo, digamos, pré - conciliar, nossa geração foi chamada muito cedo para assumir cargos e responsabilidades. Sem tempo para uma formação específica, essa geração teve que improvisar. Em alguns momentos, essa improvisação produziu melodias lindas e inusitadas, merecendo aplausos; em outros, porém, apenas ruídos.

Para diminuir esses ruídos, nas décadas posteriores ao Concílio Vaticano II, organizaram-se dentro da Igreja vários cursos de treinamento para formadores de seminário. Aqui no Brasil, têm sido muito valiosas as iniciativas promovidas pela OSIB (Organização dos Seminários e Institutos de Filosofia e Teologia do Brasil), pela CRB (Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil) e por algumas escolas de formação filosófica e teológica. Para todos os países da América Latina, há de se lembrar dos cursos do ITEPAL (Instituto Teológico - pastoral para América Latina), instituto ligado a Conferencia Episcopal Latino - americana.

Em 1976, tive a oportunidade de participar, em Itaiç - SP, de um curso promovido pela CRB. Quem o ministrou foi Pe. Luigi Rulla¹. O contato com os resultados das pesquisas de pe Rulla e com sua teorização, provocaram em mim reações de alegria e de espanto. Alegria, fragilidades e pretensões, tanto pessoais como de nossas instituições.

¹ Padre Luigi M. Rulla S.J. nasceu na Veneza (provincia de Alessandria, na Itália) em 30.06.1922 e faleceu em Roma, no dia 31.03.2002. Laureado em Medicina pela Universidade de Turim, aos 24 anos, trabalhou como assistente na mesma Faculdade de Medicina, especializando-se em cirurgia torácica. Com a idade de 32 anos, entrou na Companhia de Jesus. Estudou Filosofia na Itália e concluiu seu curso de Teologia em Wodstock (USA). Depois, estudou Psicologia em Chicago e Psiquiatria em Montreal. Nos anos sessenta, iniciou suas amplas pesquisas sobre vocação religiosa e sacerdotal, juntamente com Pe. Franco Imoda S. J. e irmã Joyce Ridick S.S.C. Os frutos desta pesquisa se encontram principalmente nos três volumes da Antropologia da Vocação Cristã. No Brasil, as edições paulinas publicaram, pelo menos, dois livros de Pe. Rulla.

O que apresento aqui tem muito de minhas anotações deste curso, bem como dos livros de pe. Rulla e de seus discípulos, publicados posteriormente no Brasil.²

A PESSOA HUMANA, SUJEITO DA FORMAÇÃO

Na base de todo projeto formativo – queiramos ou não sejamos ou não conscientes – há, inevitavelmente, certa imagem do sujeito em formação. É a partir dessa imagem que se articula o plano de formação.

Muitas vezes, acontece que nós formadores temos uma concepção antropológica não suficiente definida. A consequência é que teremos projetos formativos inadequados e aproximativos.

Pode acontecer também que caiamos em unilaterismos. Na história da espiritualidade e da ascética, bem como das várias disciplinas que se referem a pessoa humana, surgem diferenças entre a antropologia freudiana e rogeriana. A primeira, negativa e pessimista, vê a pessoa humana sempre as voltas com suas tendências instintivas inconscientes; a segunda positiva e otimista, entende que a pessoa humana seria naturalmente boa e capaz de escolher adequadamente seus valores. Essas duas perspectivas fazem surgir maneiras diversas de realizar a formação.

Existe – ou existiu – um modelo educativo bastante rígido, inspirado no controle, sutilmente marcado pela desconfiança em relação ao educando; como também existe – e acho que isso acontece muito em nossa época! – um modelo que dá por suposto que uma pessoa, pelo simples fato de ter sido chamada por Deus, já tenha disposições interiores adequadas e é capaz de escolher o bem real, não necessitando de particulares limitações e sim de

² Veja, por exemplo, CENCINI, A. **Vida consagrada: itinerário formativo no caminho de Emaús**. São Paulo: Paulus, 1994. - CENCINI, A. **Amarás o senhor teu Deus**. São Paulo: Paulinas, 1989.

encorajamento para expressar o melhor de si, para assim alcançar a realização.

Pe. Rulla recolhe as aquisições recentes da pesquisa científica ao mesmo tempo em que procura ser fiel a tradição ascética e teológica da Igreja. Aqui, certamente, está um dos elementos mais atraentes das pesquisas do Pe. Rulla.

O que ele diz?

Conforme as aquisições científicas recentes, a pessoa humana não se enquadra em nenhum esquema antropológico simplista. A pessoa humana é ambivalente. E o é por natureza, por constituição. Ela é, ao mesmo tempo, atraída pelo bem e pelo mal; aberta ao absoluto, mas tentada pelo relativo. Há na pessoa humana, em toda ela, uma dialética de base não ligada à cultura, ao caráter, à má vontade. Trata-se de uma dialética ontológica e constitucional. Ora, tal afirmação ajusta-se muito bem ao que tem vivido e afirmado a tradicional ascética e mística cristãs.

Poeticamente, poderíamos expressar essa realidade nas palavras de Pascal:

“L’homme n’est ni ange ni bête et Qui veut faire l’ange fait la bête”³

Ou então, como Boff⁴ falando de São Francisco de Assis:

No coração de cada um moram anjos e demônios; a passionalidade vulcânica se ramifica em toda a tessitura humana; institutos de vida e de morte dilaceram o interior de cada pessoa; impulsos de ascensão, de comunhão com o diferente e

³ A pessoa humana não é nem anjo nem animal; e quem quer fazer dela um anjo a transforma em um animal. Não sei onde se encontra esse pensamento de Pascal; estou citando a memória.

⁴ BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis, ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, p.157.

de doação convivem com pulsões de egoísmo, de rechaço, de mesquinhas. Tudo isto não está ausente da vida dos santos. E se são santos é porque sentiram tudo isto mas não con-sentiram com as energias destruidoras, antes pelo contrário souberam enfrentar-se com elas, não recalca-las e canalizá-las para um projeto de bondade. [...] Dento de um grande santo convive sempre um grande demônio. [...] Por detrás de todo santo se esconde um homem que conheceu os infernos dos abismos humanos e a vertigem do pecado, do desespero e da negação de Deus. Lutou como Jacó com Deus (Gn 23) e saiu marcado deste embate.

ELEMENTOS DA PERSONALIDADE HUMANA: pressupostos teóricos

Segundo Pe. Rulla, a vocação a vida religiosa ou ao ministério presbiteral, para ser psicologicamente compreendida – em sua motivação inicial, em sua permanência e eficácia apostólica – deve ser analisada a partir de três elementos que compõem a personalidade humana, a saber: valores, atitudes e necessidades.

Valor é um ideal duradouro e amplo que uma pessoa possui a respeito de seu estado de vida e do modo de viver essa vida. Há dois tipos de valores.

1. Valores terminais: que dizem respeito aos objetivos ou metas finais (end – states of existence) daquela vida. Ex.: a união com Deus, a imitação de Cristo etc..
2. Valores instrumentais: que se referem aos modos concretos de se viver àquela meta ideal. Ex.: os três votos religiosos, o ministério pastoral etc.

Atitudes são disposições que a pessoa tem ao agir; dizem respeito a aspectos específicos e pequenos da vida e se referem seja aos valores seja as necessidades.

Necessidades ou tendências são potencialidades inatas e universais de base do ser humano. A psicologia moderna descobriu muitas necessidades, como: agressividade, sexualidade, estima de si etc... As necessidades podem ser:

- conscientes – quando a própria pessoa tem acesso a elas;
- pré – conscientes – quando se encontram em um nível mais profundo, mas ainda acessível. Habitualmente a pessoa não as conhece, mas pode chegar até elas, por exemplo, por auto – análise, meditação, diário, etc.;
- inconscientes – aquelas necessidades as quais a pessoas não tem acesso algum. Por definição, não vêm a consciência por meios ordinários.
- cada pessoa possui: 1 ou 2 valores terminais; 12 a 20 valores instrumentais; mais ou menos 20 necessidades de base; centenas de atitudes.

O INGRESSO NO SEMINÁRIO/ NA VIDA RELIGIOSA

Quando um jovem entra no seminário, em praticamente cem por cento dos casos, é de se supor que ele entra com motivações conscientes boas. Mas – conforme resultados de pesquisas levadas a efeito por Pe. Rulla e sua equipe – 60 a 80% apresentam inconscientemente motivações não genuínas. Outro resultado da pesquisa é que essas motivações com as quais se entra no seminário tendem a persistir.

Tal realidade não deve nos escandalizar, pois em toda

pessoa humana verifica-se aquela dialética de base entre o eu que transcende e o eu que é transcendido; entre consciente e inconsciente; entre necessidades e valores; entre auto-realização e auto-transcendência; entre querer emotivo e querer racional; e, finalmente, em termos mais espirituais, entre graça e exigências de natureza, entre homem velho e homem novo, entre frutos do Espírito e obras da carne.

Quem entra na formação presbiteral ou religiosa – seja como formando, seja como formador – há de se preparar para uma luta dura. Por quê? Porque, se de um lado, o ideal consciente dos presbíteros/religiosos é mais alto do que o dos leigos e as tendências inconscientes são iguais, os conflitos dos presbíteros/religiosos são mais fortes.

Conclusão: o processo formativo não pode se limitar aos aspectos superficiais da vida. E, na medida em que desde as profundezas, é mais que normal que se defronte com a dialética de base da pessoa humana e produza tensões e conflitos. Alias, o formador não apenas deve conhecer essa realidade e supor essa dialética. De alguma maneira, ele deve provocá-la, se necessário.

Cencini observa que, em nossa época, assiste-se a um fenômeno de achatamento, quase uma tentativa de neutralização do conflito, uma espécie de pacto tácito (inconsciente) com o próprio eu, ou com uma parte dele com as instituições: seminários em que tudo parece correr as mil maravilhas escondem, muitas vezes, pactos subterrâneos⁵.

Podemos terminar esse item com duas citações bíblicas.

A primeira refere-se aos dois modos de viver a vida humana: Portanto, não existe mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. A Lei do Espírito da

⁵ CENCINI, A. **Vida consagrada**: itinerário formativo no caminho de Emaús. São Paulo: Paulus, 1994.

vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte. De fato – coisa impossível a Lei, porque, enfraquecida pela carne – Deus, enviando seu próprio Filho numa carne semelhante a do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito (Rm 8,1-4)

Na Segunda, participamos de diálogos nos quais se discutem projetos de Deus: O que é impossível para a pessoa humana, é possível para Deus. (Cfr. Mt 19, 26; Lc 1,37)

A PERSEVERANÇA

Para se entender a maneira psicossocial de uma pessoa receber a mensagem dos valores evangélicos – por exemplo, do diretor espiritual que tenta transmitir algo nas conversas pessoais e nas conferências –, é preciso distinguir três modos de receber a mensagem, psicologicamente muito diversos.

- a) complacência – acha-se presente quando o sujeito aceita a influência do outro (mestre, formador, diretor espiritual) não porque crê no conteúdo da mensagem, mas porque (consciente ou inconscientemente) quer ganhar uma recompensa (sobretudo externa) ou quer evitar uma punição que vem do grupo ou de outra pessoa. Ex.: Seguir as normas do seminário porque se quer admissão a ordenação (recompensa externa) ou se busca diminuir o senso de culpa (recompensa interna, inconsciente).
- b) identificação – Dá-se quando o sujeito aceita a influência do outro ou do grupo porque o relacionamento com essa pessoa ou grupo aumenta a estima de si e o gratifica afetivamente, mesmo se só em nível de

fantasia, o importante no caso da identificação é saber que parte do sujeito está implicada do relacionamento afetivo e na aceitação da influência.

- se é uma parte que pode ser integrada com valores evangélicos (parte consciente, livre e capaz de amar conscientemente), estão tendo uma identificação internalizante.
- se é uma parte inconscientemente inconsciente, então não haverá integração dos valores, por mais que o sujeito pareça aceitar a mensagem. Trata-se de uma identificação não-internalizante.

Ex.: o rapaz que se identifica com o padre X porque inconscientemente está buscando satisfazer uma necessidade infantil de dependência, apresenta uma identificação não-internalizante.

- c) internalização – existe quando o sujeito aceita a influência ou exemplo do outro ou do grupo porque o comportamento daquela outra pessoa ou grupo é compreendido em seu valor intrínseco.

Dentro de dois anos após o ingresso, os que tem capacidade de internalizar os ideais e as atitudes e os que não tem, se distanciam dos níveis. Isto porque os últimos caem num círculo vicioso:

1. Quando maiores as inconsistências, maiores as expectativas irrealistas sobre a vida do seminário/vida religiosa.
2. Mais pobre a capacidade de internalizar valores e atitudes.
3. Mais frustrações.
4. Menor a capacidade de internalizar valores... etc.

Deste círculo vicioso, pode resultar uma perseverança pobre ou o egresso. A perseverança pobre é o que Pe. Rulla chama de “fazer um ninho” na vida do seminário/vida religiosa. Quanto ao egresso, a pergunta “porque uma pessoa larga a vida religiosa” está mal formulada. Deve ser formulada assim: “Porque ela entrou na vida religiosa?”

Se uma pessoa não internaliza os valores, ela gasta muito de sua energia psicológica consigo mesma. Isto traz três conseqüências para a vida espiritual.

- a) essas pessoas têm uma certa incapacidade de escutar. Não sabem dialogar. Isto diz respeito também à Palavra de Deus;
- b) Essa surdez à Palavra de Deus induz uma outra coisa: atinge o discernimento do espírito;
- c) Estas pessoas têm dificuldade de amar, porque têm atitudes contínuas de defesa. (Se o grão de trigo não morrer).

CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO SEMINARÍSTICA/RELIGIOSA

A psicologia pode exercer as seguintes funções na formação seminarística/religiosa:

- 1) **função pedagógica** – É a mais importante. É distinta da função psico-terapêutica/religiosa. Aqui, trata-se de ajudar o formando a aumentar sua capacidade internalizante;
- 2) **função preventiva** – Distingue-se da função reparadora. Na entrada já se pode prever as dificuldades do indivíduo em internalizar os valores. Porque esperar muitos anos para que essas inconsistências se tornem crises?
- 3) **função interativa**- Não se pode fazer uma

dicotomia entre maturidade espiritual e maturidade psicológica;

4) **função seletiva** – Deve ser feita uma seleção em profundidade. Não brincar com a vida espiritual dos candidatos. Ter a coragem de mandar embora. Essa seleção deve ser:

- Prévia: antes do ingresso;
- Durante os anos de formação antes da decisão definitiva.

5) **função psico-terapêutica** – 2 a 3% dos que se apresentam são casos patológicos. Não devem ser aceitos. Uns 20% apresentam patologias latentes. Podem ser aceitos com a condição de receberem uma ajuda proporcional.

A dinâmica de grupo⁶ apresenta todas as vantagens e defeitos da teoria de Carl Rogers. A dinâmica de grupo é inútil para mudar casos de inconsistências (60 a 80%). Pesquisas têm provado que quem aproveita da dinâmica de grupo depende não dessa experiência educativa, mas de experiências fora do grupo. Não se guardem ilusões: a dinâmica de grupo não atinge o inconsciente, não toca as motivações profundas da personalidade. Ela pode, por vezes ser inadequada (não resolve o problema) ou danosa (a pessoa com problemas, por vezes, não tem defesas num grupo).

Os **testes** são importantes para descobrir patologias latentes. Mas, um formador experimentado pode dispensá-los.

Mandar nossos candidatos profissionais leigos – sem mais nem menos – é um erro. Por duas razões:

⁶ Entre as dinâmicas de grupo podemos incluir reuniões de comunidade para planejamento e/ou revisão, bem como reuniões de cunho espiritual, como leitura bíblica e outras.

- em geral, os leigos não conhecem em profundidade a vida pesbiteral/religiosa. Por isso, não chegam a estudar em profundidade nossos problemas;
- é necessário ter unidade entre maturidade espiritual e psicológica.

O NOVO TIPO DE FORMADOR

O novo tipo de formador deve possuir as seguintes qualidades:

Ele deve saber fazer a distinção entre os tipos comuns de problemas:

- a) problemas de natureza espiritual. Por ex.:dúvida de fé ou moral; dificuldade em aceitar as orientações da Igreja.
- b) problemas de desenvolvimento normal. Por ex.: problemas da idade evolutiva.;
- c) inconsistências inconscientes que não chegaram ao nível da psicopatologia;
- d) dificuldades que provenham de formas de psicopatologia.

Os primeiros dois tipos de problemas podem não estar em relação com os outros dois tipos. Neste caso, a dificuldade em superá-los não é grande. Pode ser pelos meios sobrenaturais, pelo tempo etc.

Mas, pode ser – e isso ocorre em 60 a 80% dos casos! – que sejam apenas a expressão de c) e d). Neste caso, ser realista. Não basta tempo, nem só a ajuda espiritual.

Os novos formadores devem já ter reconhecido e superado em si mesmos suas inconsistências. Se não, podem ocorrer três conseqüências:

- a) ele tenderá a projetar em seus candidatos seus problemas não resolvidos. Por ex.: interpretando de um modo unicamente subjetivo as orientações da Igreja.

- b) Ele poderá realizar a transferência de seus problemas;
- c) Pode ocorrer “double bind” (dupla mensagem), isto é, inconscientemente e sem querer, pode transmitir uma mensagem dupla. Essa transmissão, em geral, é não-verbal, através do tom de voz, da face, de movimentos de braços etc. Ex.: O formador que se rebela através dos formandos.

Os novos formadores devem saber ajudar seus candidatos a superarem suas inconsistências.

OBSERVAÇÕES SOBRE LIDERANÇA:

- um líder autoritário mantém seus liderados meninos; um líder permissivo os faz voltar a meninos, pois estes enfrentam desafios além de suas possibilidades.
- exercer com sucesso a liderança num campo não quer dizer sucesso em outro.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis, Ternura e vigor.** Petrópolis: Vozes, p.157.

CENCINI, A. **Vida Consagrada:** Itinerário formativo no caminho de Emaús. São Paulo: Paulus, 1994.